

CINEMA E RACISMO: O FILME COMO FONTE VISUAL PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA CONTEMPORÂNEA

Mainara Duarte Eulálio

Universidade Federal da Paraíba

PROLICEN (Bolsista)

mainaraduarte@hotmail.com

Resumo

O filme, *Assassinato sob custódia*, passa-se na África do Sul, no ano de 1976, quando a política de segregação racial era uma realidade. Os negros moravam em bairros específicos, afastados dos brancos; não tinham direito à participação política e era vigente o regime do Apartheid (Apartação Social). A análise fílmica, considerada nesse trabalho, é fruto dos estudos realizados no projeto *Margens do Atlântico: fontes para o estudo e o ensino de história da África contemporânea e da cultura afro-brasileira*, cujo objetivo principal é estudar, catalogar e apresentar fontes e documentos para a História da África Contemporânea e o seu uso em sala de aula. O projeto, que se insere no PROLICEN (Programa de Melhoria das Licenciaturas) da UFPB, analisa a cinematografia sobre acontecimentos africanos.

Palavras-Chave: Ensino de História, África Contemporânea e Racismo

A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, percebeu-se a necessidade de transformações nos currículos educacionais para a inserção da África e do negro a partir da perspectiva da diversidade cultural e étnica. Como se sabe, em 2003, foi sancionada a Lei nº 10.639 em substituição à de nº 9.934, estabelecendo a inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura afro-brasileira”. Visando essa nova obrigatoriedade, o Conselho Nacional de Educação aprovou, em 10 de março de 2004, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, incluindo os conteúdos relacionados com as disciplinas História do Brasil, Literatura e Educação Artística. Com objetivo de uma conscientização política, histórica e cultural acerca das nossas relações étnico-raciais, do resgate dos valores do negro e de sua contribuição para a construção da nossa identidade nacional.

Após participações no projeto intitulado *Literatura, História, Educação e Cultura Popular: conhecimentos que se ensinam, casos que se pesquisam, saberes que se trocam*, relacionado também às questões étnico-raciais e voltado para as licenciaturas de Letras e História, perceberam-se dificuldades com a falta de referências bibliográficas, materiais pedagógicos e obras básicas para o trabalho em sala de aula. Porém, era preciso atividades pedagógicas que propiciassem o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade, da auto-estima, fundamentadas na linguagem de re-significação da prática educativa.

Para suprir a necessidade de se trabalhar a História da África contemporânea e da cultura afro-brasileira a partir de pressupostos da historiografia e do ofício do historiador, apresentamos um projeto específico da área de História. Portanto, dentro desse panorama de trabalhar a História da África contemporânea e da cultura afro-brasileira a partir de pressupostos da historiografia e do ofício do historiador, o projeto *Margens do Atlântico: fontes para o estudo e o ensino de História da África contemporânea* ligado ao PROLICEN (Programa de Melhoria das Licenciaturas) específico da área de História, deu ao Laboratório de História do CCHLA a dinâmica dos Estudos Culturais, utilizando, assim, um trabalho interdisciplinar.

Voltado para o olhar interdisciplinar, calcado nas Ciências Humanas, nas Artes, nas Letras e nos Direitos Humanos, o projeto contribui na formação dos alunos das licenciaturas na desmontagem do racismo, abrindo caminho para o surgimento de novas práticas escolares (reais e simbólicas) na difícil questão racial brasileira, superando assim os vários mitos que ainda estão disseminados sobre a matriz cultural africana no Brasil.

Um dos nossos objetivos desempenhado é estudar, selecionar e apresentar fontes e documentos para a História da África Contemporânea. E como já mencionamos utilizá-los para uso em sala de aula, tanto no Ensino Fundamental como no Médio e, a partir daí, começar a construir um Dicionário Histórico Biográfico do Africanismo Contemporâneo. Nessa perspectiva deu-se continuidade, no decurso da nova etapa, na construção de pequenas biografias intelectuais de escritores, poetas, artistas e políticos africanos que se destacaram no decorrer do século XX, tanto no continente africano quanto na Afro-América (Brasil, Estados Unidos, Antilhas e Caribe). No primeiro ano foi possível trabalhar com os autores Amílcar Cabral, Nadine Gordimer e Leopoldo Senghor. No segundo ano, selecionamos mais três intelectuais africanos (Frantz Fanon, Agostinho Neto, Joseph Ki-Zerbo) e também incorporamos uma filmografia ocidental sobre a África que foi previamente analisada e depois apresentada em duas escolas de educação básica.

Nessa nova etapa, há uma aproximação entre a filmografia africana (produzida nos países de língua portuguesa) e a filmografia com temática afro-brasileira (produzida na Paraíba). Ao mesmo tempo em que se analisam as obras escolhidas e se estruturam as biografias de seus produtores, as atividades (oficinas e seminário) voltam-se para os professores da rede municipal, no sentido de formação continuada para os educadores da escola básica.

As análises dos filmes serão levadas para o ensino público que abrange tanto o Ensino Fundamental como o Médio, visando tornar as atividades acadêmicas desenvolvidas no projeto um segmento das tarefas de extensão da Universidade na perspectiva de uma educação voltada para os Direitos Humanos e Étnico-Raciais.

Temos o objetivo, também, de proporcionar ao aluno graduando um saber histórico sobre a África Contemporânea, sobretudo a África de Língua Portuguesa, e suas relações com o Brasil. Propor formas de trabalho com recitais, monólogos, narrações e perfis intelectuais, tanto na escola e quanto na universidade. Pesquisar as relações teóricas e metodológicas entre o Ensino de História da África e a historiografia didática e paradidática.

A pretensão de apresentar a análise do filme **Assassinato sob Custódia** (A dry white season), sob direção de Euzhan Palcy produzido nos Estados Unidos em 1989 com duração de 107 minutos, tem o propósito de dialogar com os estudos relacionados às obras já estudadas durante as etapas do projeto. Tendo um maior foco nas questões do pan-africanismo, negritude; as lutas de independência na África contemporânea e política pós-colonial, relacionadas, nesse caso, à cinematografia ocidental.

O propósito será mais de interrogar o filme, na medida em que oferece um conjunto de representações que remetem direta ou indiretamente à sociedade real em que se inscreve. A hipótese diretriz de uma interpretação sócio-histórica é de que um filme sempre “fala” do presente (ou sempre “diz” algo do presente, do aqui e do agora de seu contexto de produção). O fato de ser um filme histórico ou de ficção científica nada muda no caso. (VANOYE, 1994, p. 55)

Assassinato sob Custódia passa-se na África do Sul, no ano de 1976, quando a política de segregação racial era uma realidade. Os negros moravam em bairros específicos para eles, afastados dos brancos; não tinham direito a participação política, nem serem proprietários de terras; era vigente o regime que chamamos de Apartheid. É nesse contexto que o filme se desenrola no “racismo legalizado” infligido aos negros, que eram prisioneiros no seu próprio país. A trama entra nessa discussão com a figura de um professor de História, descendente de

uma minoria branca que havia povoado essa região. Portanto, parte de uma classe social privilegiada. Ele só se “dá conta” das injustiças cometidas no país, quando morre o seu jardineiro, que na busca pelo corpo do seu filho (ambos negros), é preso e torturado pela polícia. A partir dessa descoberta, resolve então, fazer a diferença, lutando contra o sistema de segregação racial o qual impôs a mentira como se fosse verdade absoluta.

O filme entra neste contexto da época – devemos lembrar que o filme é baseado em fatos reais – de fortes movimentos oposicionistas, retratado no filme primeiro na figura dos filhos do jardineiro, que querem aprender inglês, e não africâner, por entenderam que é um atraso, saberem que não é a língua predominante para se ter um maior conhecimento e receber a mesma educação que os brancos tiveram, ou seja, visavam à igualdade no ensino, sem distinção de cor. Em seguida, nas figuras do professor e da jornalista que se articulam para provar a inocência do amigo e a crueldade do regime racista. Mesmo os movimentos contra o apartheid sendo pacíficos, de conscientização popular, não impediam que matassem homens, mulheres e crianças. Nisto, o filme consegue ser muito eficaz ao mostrar as crueldades a que eram submetidos os negros, a diferenciação explícita racial, à humilhação, e os meios que eram utilizados para se conseguir a permanência do regime; e inclusive, a aceitação daqueles que não querem envolvimento no conflito, que não querem a mudança, pois acreditam que tudo está ótimo do jeito que está. Isso é representado pelas falas que são encontradas na voz de alguns personagens da classe privilegiada, que goza de todos os direitos, são alienados pelas mentiras dos dirigentes do sistema segregacional e não convivem com a realidade da África do Sul nesse período.

Assassinato sob Custódia apresenta a seguinte sinopse: Ben du Toit (Donald Sutherland) é um professor que tenta enfrentar o regime da África do Sul, ao perceber que, na realidade, seu país protege os assassinos que matam sem qualquer motivo. Indicado ao Oscar de Melhor Ator Coadjuvante (Marlon Brando).

Este é um filme voltado para ficção, mas isso não quer dizer que apresente fatos reais, caracterizado em não se contentar em apenas contar história, mas sim, em sublinhar as significações históricas dos acontecimentos, tornar patéticas as lutas de classe e os combates, exaltar as forças revolucionárias em movimento. No plano dos conteúdos, disso resultam histórias sem herói individual ou personagem principal, histórias em que forças se confrontam, histórias que na maioria das vezes assumem a forma de epopéia. (VANOYE, 1994, p. 29). O filme põe em discussão questões importantes e atuais, relacionado à discriminação racial, a intolerância, o

sistema ditatorial, etc.; e no seu decorrer, vai mostrando novas situações que vão nos incomodando, que ao nosso ver, faz parte da provocação do cinema, num estado de oposição àquele momento. Logo na primeira cena, dos dois meninos jogando bola, uma criança branca e uma negra, já denota uma crítica à situação de crime que virá nas cenas a seguir, querendo dizer que as duas crianças nem percebem esta “divisão racial”, que eles são iguais.

Pode-se considerar como um filme pesado, porque é violento, forte, e, principalmente por discutir um momento de extrema violência, que choca em algumas cenas. A provocação que se faz ali, no filme, é para pensarmos nos porquês daquele momento histórico, no que ele acarretou para muitos, e que na luta, há a possibilidade da mudança. O interessante é que, no filme, essa luta, essa afirmação, vem justamente na hora em que o professor, branco, da elite, se conscientiza e quer mudar o sistema. O elemento da mudança é sempre o homem branco, mais intelectualizado, e não os que sofrem a agressão, mas aquele que se compadece e resolve ajudar; os outros personagens, na maioria negros, passam a ser apenas auxiliares nessa busca, ou seja, coadjuvantes dessa trama. Pode-se notar como característica da maioria dos filmes ocidentais que trabalham com contexto histórico da África, tem como padrão repetitivo os estereótipos sobre esse continente.

Outra característica presente nesse filme, e estereótipo para maioria da filmografia ocidental, é a diferenciação que o cineasta dá entre os dois mundos, o do branco e o do negro. O primeiro apresenta sempre na “perfeição”, o espaço do branco com boa estrutura, desenvolvido e com tecnologias avançadas. Já o do negro, falta infra-estrutura básica para sobrevivência e a presença sempre da rebeldia.

Um outro aspecto importante para destacar é o fato da alienação no início do filme pelo professor branco e amigo do jardineiro com o Apartheid. Isso pode ser visto na cena em que o professor está na sala de aula expondo o porquê dessa divisão racial. Na sua exposição o professor demonstra ter convicção sobre o sistema vigente na África do Sul. Contradizendo com as cenas seguintes, que o mostra descobrindo as façanhas do regime.

O filme retrata também, a participação do negro na vida dos brancos apenas como servidores, através do trabalho forçado e mais pesado, além de serem submissos aos mandos dos brancos.

O pensamento eurocêntrico atribui ao “Ocidente” um sentido quase providencial de destino histórico. O eurocentrismo, assim como a perspectiva

renascentista na pintura, olha para o mundo a partir de um único ponto de vista privilegiado. Seu mapa baseia-se numa cartografia que centraliza e aumenta a Europa, enquanto literalmente “diminui” a África. (SHOHAT; STAM, p. 20). Neste ponto, chegamos à conclusão, que apesar de ser um bom filme, ainda se utiliza do discurso eurocêntrico, racista e do multiculturalismo, como elementos externos de salvação.

No entanto, tem mais pontos positivos do que negativos. Objeta uma realidade que poucas pessoas teriam coragem de mostrar, e que poucas pessoas gostariam de ver, principalmente tendo em vista que o filme foi feito em 1989 e o apartheid só terminou oficialmente, em 1994. Portanto, um assunto que era extremamente contemporâneo ao momento histórico. Enfim, **Assassinato sob Custódia** é um filme que deve ser assistido.

A partir dessa breve análise do filme, permite dialogar com aspectos do ensino de história, que, nesse caso, está voltado para a História da África Contemporânea através do assunto sobre o apartheid, o qual é tratado na filmografia apresentada. O filme enquanto objeto de estudo, conhecimento e informação, pode ser observado como documentação histórica e meio de representação da história permitindo a possibilidade de utilizá-los em conjunto com outras fontes. E também, proporciona um análise da repercussão que o filme alcança na sociedade, podendo influenciá-la na disseminação de ideologias e na propaganda política.

Contudo, é importante frisar, que a filmografia por mais que tente a máxima aproximação do real, sendo fiel aos fatos históricos, o cineasta e a produção cinematográfica põem elementos que sejam atrativos ao público. No entanto, é difícil julgar uma filmografia com as normas que regem um texto, pois cada recurso de ensino tem seus próprios meios necessários de representação.

Enfim, o filme como recurso audiovisual para o ensino de História em sala de aula, pode e deve ser utilizado pelo historiador como fonte documental. Esse recurso didático não se constitui como algo melhor ou pior que nenhuma outra fonte existente e bem aceita entre os historiadores. É claro, assim como as demais fontes, o filme possui suas limitações e tem sua própria forma de verificação que cabe ao historiador se interar, procurando conhecer suas regras para poder melhor utilizá-lo.

É nessa perspectiva de trabalhar o filme como fonte audiovisual para o ensino de História da África em sala de aula, que buscamos um novo olhar sobre as questões que faz transmutar nossas visões para o conhecimento sobre os temas relacionados às ações afirmativas, a influência do negro na sociedade brasileira, a

consciência política e histórica da diversidade, o racismo e as discriminações existentes no mundo contemporâneo.

Por meio dessas medidas são capazes de garantir a universalização do ensino de História da África num país onde prepondera, cultural e demograficamente, o componente africano surgido desse continente e que corresponde, efetivamente, a uma perspectiva de construção da identidade nacional.